

Josivaldo Constantino dos Santos

UNEMAT 40 ANOS E OUTRAS HISTÓRIAS ACADÊMICAS em Literatura de Cordel



Cáceres - MT
2020

**UNEMAT 40 ANOS E OUTRAS
HISTÓRIAS ACADÊMICAS
em Literatura de Cordel**

Editora Unemat

Editor: Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa

Capa: Gabriel Guimarães Barbosa da Silva

Diagramação: Gabriel Guimarães Barbosa da Silva

Editora Unemat 2020

Conselho Editorial:

Judite de Azevedo do Carmo

Ana Maria Lima

Maria Aparecida Pereira Pierangeli

Célia R. Araújo Soares Lopes

Milena Borges de Moraes

Ivete Cevallos

Jussara de Araújo Gonçalves

Denise da Costa Boamorte Cortela

Teldo Anderson da Silva Pereira

Carla Monteiro de Souza

Fabiano Rodrigues de Melo

**UNEMAT 40 ANOS E OUTRAS HISTÓRIAS
ACADÊMICAS - em Literatura de Cordel:**

Josivaldo Constantino dos Santos

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S237u Santos, Josivaldo Constantino dos.
UNEMAT 40 anos e outras histórias acadêmicas: em
literatura de cordel / Josivaldo Constantino dos Santos. –
Cáceres: UNEMAT Editora, 2020.
89 p.

ISBN 978-65-990142-5-3

1. UNEMAT – História. 2. Educação Superior – Mato Grosso.
I. Título. II. Título: em literatura de cordel.

CDU 378(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

Editora UNEMAT

Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada

Fone/fax: (0xx65) 3221-0023

Cáceres-MT – 78217-900 - Brasil

E-mail: editora@unemat.br

Todos os direitos reservados ao autor. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou de qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal. O conteúdo da obra está liberado para outras publicações do autor.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
DEDICATÓRIA	8
AGRADECIMENTOS	9
1 - UNEMAT: 40 ANOS	11
2 - DOCENTES DA FAEL (2014)	29
3 - DE CALOURO À FORMATURA	35
4 - DOUTOR SOU EU QUE ESCREVI UMA TESE DE DOUTORADO	43
5 - SEU NOME É ROSANE	49
6 - MITO DE PROMETEU E PANDORA	55
7 - O TRABALHO NA VISÃO DA FILOSOFIA	63
8 - PALAVRAS BEM DITAS	71
9 - FLORES DA PEDAGOGIA (2019)	73
10 - UM POETA NÃO MORRE	77
11 - O QUE É LITERATURA DE CORDEL	83

PREFÁCIO

Dialogar com a obra literária do querido professor Josivaldo é um presente embalado de emoções, nela podemos nos encontrar e rememorar uma trajetória de momentos únicos, são memórias individuais e coletivas vividas intensamente. Foram tantos sonhos e encantamentos por nós vividos e confiados, a fim de construirmos uma universidade. Conseguimos, mas precisávamos alimentá-la para que se sustentasse como tal. Assim, a UNEMAT se solidificou e continua seu percurso, pensada e articulada por todos que a compõem, professores, servidores, acadêmicos e a comunidade externa.

Hoje, reconhecida, vista com respeito, cuidado e carinho - uma formadora de pessoas. Apresenta-se com uma variedade de cursos, os quais, todos os semestres, colocam no mercado de trabalho, profissionais qualificados capazes de se relacionar e interagir consigo e com o outro.

A obra expressa um estilo de dizer muito particular. É a Literatura de Cordel, com um ritmo, métrica e sonoridade capaz de encantar os leitores que viveram e vivem intensamente a UNEMAT. Nas suas estrofes predominam sete versos, é a septilha. O estilo de rima assim se estrutura: segundo, quarto e sétimo versos e o quinto com o sexto, podendo deixar livres a sonoridade do primeiro e terceiro verso. Ao lê-los, é como se neles víssemos um pouco da história de cada um que participa da universidade, sim, no presente, porque não temos como retirá-la de nossas vidas.

A Literatura de Cordel é uma herança portuguesa. No Brasil, foi a região Nordeste a mais receptora desse

estilo de compor, tradicionalmente, as palavras são depositadas em folhetins de papel comum, de baixo custo e fixados em barbantes, expostos nas feiras ou em outros ambientes públicos para fins de comercializá-los e seus autores recitam suas composições e atraem leitores. Na contemporaneidade, há publicações editadas dessa modalidade literária.

Cordel tem suas marcas provindas da oralidade, os povos antigos cantavam seus versos, era um meio das pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade desfrutar de informações. Hoje, apreciada como uma manifestação artística. Sua origem se pauta na cultura popular, nela são retratados temas contados e ouvidos pelas pessoas no seu cotidiano, ou seja, seus versos contam causos provindos das informações da cultura habitual e sua função social é informar e divertir os leitores. A Literatura de Cordel foi reconhecida em 2018 como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Cordel é reconhecida como um gênero literário, com predominância de narrativas construídas em versos. Um estilo que se afasta da literatura canônica, visto incorporar uma linguagem e temáticas populares e seus autores fazem apresentações de seus poemas. No caso em específico dessa obra, uma homenagem a UNEMAT, o autor, construiu seus versos dedicados a momentos específicos nela vividos, para dialogar com a academia. Foram narrativas em versos apresentados em eventos de aulas inaugurais, apresentação da Disciplina de Filosofia na graduação, homenagens a vida acadêmica, numa linguagem coloquial, popular, alegre, cheia de graça e humor. Os ambientes e personagens são descritos com risibilidade e aguardados pelos leitores.

Aqui cabe recordar, nosso autor é alagoano, migrou para nossas terras mato-grossenses e trouxe consigo seu talento artístico - músico, cantor, compositor e proseador em versos. Conseguiu unir esses segmentos da arte e ser um professor doutor em Educação. Nesse percurso de investigador das ciências, a arte Literária de Cordel esteve presente, justamente pelo uso de uma linguagem simples, característica dos seus pesquisados, oriundos das camadas populares e dispostos a discutir 'o cuidado' com as pessoas.

Conseguiu ser um observador e ouvidor de 'causos' informais e formais e a partir deles depositou a costura da sua poeticidade para todos que amam e vivem cada dia da UNEMAT, e possam unir mais saberes a fim de conhecê-la e admirá-la, porque hoje é um 'Bem Mato Grosso'¹.

A escolha do estilo literário de Cordel para narrar e celebrar os 40 anos da UNEMAT, foi uma proposta ajustada e feliz. Um formato leve, próximo, elegante e de fácil compreensão. Consegue atender públicos leitores diversos, bem como, coloca a literatura popular na universidade. Um trabalho de inclusão verbal e social, composto por palavras simples num universo letrado. É a celebração do acolhimento e democratização literária, tal qual o reconhecimento social da integração cultural do povo mato-grossense, formado por diferentes etnias. Delas, muitas 'histórias' são contadas e recontadas ao longo dos tempos.

Por isso, a Literatura de Cordel é um formato de contar a cultura dos diferentes. Um instrumento capaz de ligar universos distintos e confabular na recuperação da

1 'Bem Mato Grosso', nome de um programa de TV da Centro América para caracterizar a cultura do estado de Mato Grosso.

memória e seus significados com o propósito de tornar as pessoas mais humanas e solidárias. Uma completude necessária, o resgate do que estava guardado na memória e assim trazer para o coração, ativando o recordar da experiência vivida.

Profa. Dra. Rosane Freytag
Novembro de 2019

A meu pai que ao descansar do labor
Versejava cordel ao violão
Eu, pequenino, já aprendi a lição
Ele cantando, foi então, meu professor
Com seus versos repletos de ardor
Narrava histórias de Frei Damião
E outras mais, que nos causavam emoção
E agora, ele rima lá no céu
Pra você velho pai, tiro o chapéu
Esse livro é pra você com gratidão.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer
Por esta publicação
À UNEMAT como um todo
É dela que vem meu pão
À FAEL em particular
Pois no convívio por lá
Surge minha inspiração.

Ao **Jean**, que me pediu
Calmo, como o azul do céu
Que eu fizesse pra UNEMAT
Uns versinhos em cordel
E na comemoração
Foi muita a satisfação
Pois era grande o plantel.

A **Graziela** e o **Darlan**
Ambos com muita euforia
Desejando a publicação
Dessa obra em poesia
Cada qual com seu jeitinho
E munidos de carinho
Falaram com a reitoria.

Ao **Rodrigo** e a **Nilce**
Reitor e Vice Reitora
Que me abriram as portas
Da UNEMAT, Editora
E no campo editorial
Pessoa mais que legal
Waghma, acolhedora.

Profissional, responsável
Por toda a revisão
E fez com muito carinho
Da obra, a apresentação
Rosane Freytag é
Uma competente mulher
Por ela, admiração.



SEDE ADMINISTRATIVA DA UNEMAT - REITORIA



CIDADE UNIVERSITÁRIA

1 - UNEMAT: 40 ANOS²

Foi na cidade de Cáceres
Onde tudo começou
O ano é setenta e oito
Do século que já passou
Um grupo de cidadãos
Toma um sonho pelas mãos
E um Instituto criou.

Vinte de julho é a data
Da Lei setecentos e três
O Prefeito Ernani Martins
Com bastante sensatez
Assina a criação
Do IESC, que então
Se desenvolve de vez.

IESC é o Instituto
De Ensino Superior
De Cáceres, e esta cidade
Que ao Instituto abrigou
Tornou-se então, firmemente
Uma sede permanente
Da gigante que gerou.

A gigante é a UNEMAT
Consolidada de vez
Orgulho de Mato Grosso
Por tamanha altivez
Do IESC evoluiu
Se fez notar no Brasil
Nasceu em noventa e três.

² Texto apresentado na solenidade dos 40 anos da UNEMAT em Julho de 2018. Anfiteatro UNEMAT.

Mas voltemos ao início
Pra não fugir da sequência
Manter o fio da história
Com leveza e paciência
Pois posso cometer atos
Como a omissão de fatos
Se me faltar a prudência

Edival dos Reis Vieira
Foi o primeiro diretor
O decreto um, nove, cinco (195)
Foi a Lei que o nomeou
Em dezessete de agosto
Ele assumiu o seu posto
E o IESC coordenou.

O primeiro vestibular
Que era aguardado demais
Dezenove e vinte de agosto
Veio pra acalmar os “ais”
Os cursos que foram pensados
Logo foram ofertados
Letras e Estudos Sociais.

O IESC não tinha prédio
Nenhum imóvel oficial
Mas isso não impediu
O seu avanço total
O vestibular aconteceu
E o IESC cresceu
Numa escola estadual.

O IESC evoluiu
Em FCUC se tornou
Fundação Centro Universitário
De Cáceres, se transformou
Dezenove de Dezembro
Foi a data que eu me lembro
Do Decreto que a criou.

Ano mil e novecentos
E oitenta e cinco então
O governador Júlio Campos
Assina a autorização
A FCUC está criada
Está oficializada
Sua estadualização.

Mario Leite Vidal Filho
O primeiro coordenador
Mil oitocentos e cinquenta
O Decreto que o nomeou
O ano foi oitenta e seis
Comemoração se fez
Quando ele se empossou.

Não posso deixar passar
Uma notícia genial
O prédio da Fundação
Para alegria geral
Bezerra, o governador
Em trinta de junho lançou
A pedra fundamental.

Foi no ano oitenta e oito
Que esse fato aconteceu
E no ano oitenta e nove
A estatuinte ocorreu
Muito debate e proposta
Com a situação posta
A Fundação só cresceu.

Quem coordenava pro-tempore
Professora Neuza Zattar
Só por cento e vinte dias
Pra isso tudo organizar
A eleição aconteceu
E Maldonado venceu
Pra Fundação coordenar.

Foi em vinte e seis de outubro
A sua nomeação
No dia cinco Mato Grosso
Promulga a Constituição
Um por cento é dedicado
Da arrecadação do Estado
Para a nossa Fundação.

FCUC vira FCESC
De novo a sigla mudou
O Governo de Mato Grosso
Uma Lei sancionou
E para o nosso alento
A Fundação passa a ser Centro
De Ensino Superior.

.
A partir desse momento
Nossa Instituição
Em um plano organizado
Por sua coordenação
Com um trabalho bem concreto
Se elabora um projeto
Para sua expansão.

Prefeituras do Estado
Entraram na parceria
E da esfera de Cáceres
A FCESC sairia
Então se amplia a cena
Pois Cáceres ficou pequena
Pra gigante que crescia.

O objetivo então
Do Ensino Superior
Com o avanço da FCESC
Por todo o interior
Pautou-se na Educação
Centrada na formação
Do profissional Professor.

Se vislumbrou uma política
De democratização
Dando oportunidades
A todo e qualquer cidadão
De adquirir know-how
Pelo acesso ao terceiro grau
Mediante formação.

O início da expansão
Por Sinop começou
Com a criação do Núcleo
De Ensino Superior
A partir desse momento
Não houve mais travamento
A expansão decolou.

A resolução quatorze
Do Conselho Curador
Em mil novecentos e noventa
O Núcleo em Sinop criou
Por Decreto estadual
O sonho tornou-se real
E a Educação avançou.

Com Letras e Matemática
E também Pedagogia
As aulas iniciaram
Repletas de euforia
A data ainda me lembro
Foi dia dez de setembro
Um dia de alegria.

Na aula inaugural
Autoridade presente
Governador Dr. Edson
E o prefeito da gente
Doutor Adenir Barbosa
Que com eloquência e prosa
Falou veementemente.

Também estava presente
Com grande satisfação
Valter Albano da Silva
Figura de posição
Que em seu itinerário
Estava então Secretário
De Estado de Educação.

Eu não posso me esquecer
Seria coisa ruim
E fui buscar na memória
Que está bem viva em mim
O primeiro diretor
Desse Núcleo, o professor
Luiz Henrique Martins.

Na implantação em Sinop
Do curso superior
Para tudo ser real
Muita gente atuou
E com pensamento crítico
Do professor ao político
Nessa luta se irmanou.

Na linha de frente estava
Pessoas de envergadura
Delegada Regional
De Educação e Cultura
Professora Leonir Lauschner
Senhor Argeu Ortiz Kerber
Secretário de Agricultura.

Doutor Emerson Ribeiro
E Lisiani Moraes
Também Maria Cicuto
Pedro Mendes e outros mais
Estavam na comissão
Para a pró-instalação
Desse espaço tão audaz.

Professor Luiz Straub
Professor José Balin
Maria do Socorro Aissa
Todos guerreiros assim
Com Ciro Lauschener e Lurdinha
Que na luta não definha
Foram com ânimo sem fim.

A Ana Maria Lopes
E o coordenador da Fundação
O professor Maldonado
Estavam na comissão
Dia vinte e três de abril
Esse grupo se reuniu
Em prol da instalação.

Começamos sem espaço
Próprio pra funcionar
Escolas nos socorreram
Pra então nos abrigar
Para acolher a gente
Quatro espaços diferentes
Tivemos que frequentar.

Nosso Bispo Dom Henrique
Também foi um bom parceiro
Nos cedeu algumas salas
Da Mitra, o tempo inteiro
A direção pra lá ia
Junto com a secretaria
E o setor financeiro

Os poucos livros que ousamos
De biblioteca chamar
Também foram para a Mitra
Uma sala ocupar
Nem cem chegava a ser
Mas é melhor que não ter
Nada para pesquisar.

A primeira secretária
Mulher de jeito faceiro
A professora Maria
De Lurdes Lima Monteiro
Conhecida por Lurdinha
Uma qualidade tinha
Fazia tudo ligeiro.

Educandário Albert Sabin
Seu espaço nos cedeu
Ao nosso Curso de Letras
Gentilmente recebeu
E a Escola Municipal
Valter Kunze, sem igual
A Matemática acolheu.

E a Escola Cenecista
Abrigou Pedagogia
Mas para nós professores
Era aquela correria
Cada escola era distante
A gente vinha ofegante
Numa tremenda agonia.

Albert Sabin ficava
No lado norte da cidade
Cenecista e Valter Kunze
Bem na outra extremidade
Carro, a gente não tinha
Pedalava a magrelinha
A toda velocidade.

Sinop não tinha asfalto
Era lama ou poeirão
De um curso para o outro
Íamos na pedalação
Chegávamos todos suados
Com o corpo bem cansado
Era grande a aflição.

Um dia eu estava vindo
De bicicleta, apressado
Sai do Albert Sabin
Já bastante atrasado
Pra aula de Filosofia
Para o Cenecista eu ia
Quando fui atropelado.

A bicicleta entortou
Logo no chão eu caí
A minha calça rasgou
O meu relógio perdi
Mas eu não soltei da mão
Minha primeira edição
Da Marilena Chauí.

Professor Laudemir Zart
Ele era o diretor
Tinha sido nomeado
Por nosso Coordenador
Mas, se casou e saiu
Ilário, o vice assumiu
A herança que herdou.

No ano noventa e dois
Uma Lei Complementar
Retira a sigla FCESC
Põe FESMAT no lugar
Essa denominação
Aconteceu em função
Da Educação ampliar.

A Fundação de Ensino
Superior de Mato Grosso
Vai pra várias regiões
Desse estado que é um colosso
Essa visão ampliada
E bem diversificada
Resultou de muito esforço.

Surge um novo paradigma
De Instituição Plural
Sendo em várias regiões
Referência estrutural
Inserida nas culturas
Proporcionando aberturas
No âmbito intelectual.

A formação em serviço
E formação continuada
Aos docentes da rede pública
Foi uma política acertada
E como valeu a pena!
As Licenciaturas Plenas
E o Projeto Parceladas.

Pra quem estava distante
E de estudar tinha ânsia
Os docentes da FESMAT
Com carinho e militância
No ano noventa e três
Implantaram então, de vez
A Educação à Distância.

Nesse período em Sinop
Professor Laudemir voltou
Queria então desse campus
Ser de novo coordenador
Ilário imediatamente
Em um gesto competente
As eleições convocou.

Laudemir foi concorrer
Com o professor Ireneu
E no pleito eleitoral
Foi Ireneu quem venceu
Durante sua gestão
Nós caminhamos e então
Muita coisa aconteceu.

Ireneu conseguiu verba
Pra biblioteca ampliar
E Leonildo Severo
Que aqui vinha estudar
No movimento estudantil
Com os amigos conseguiu
O acervo melhorar.

Mas em quinze de dezembro
Por uma Lei Complementar
Com o número zero trinta (030)
O governo vai criar
A nossa Universidade
A UNEMAT de verdade
Que veio para ficar.

Criada em noventa e três
E esperada com Carinho
Porém só foi instalada
Definitiva no ninho
Pelo Secretário então
De Estado de Educação
Professor Osvaldo Sobrinho.

Dia dois de fevereiro
Que a UNEMAT se instalou
No ano noventa e quatro
E essa data marcou
E o professor Maldonado
Dia oito foi nomeado
Para a função de reitor.

Quero fazer um adendo
Me permitam por favor
Até então não havia
Denominação “reitor”
Parece até disparate
Mas de IESC a FESMAT
Líder, era coordenador.

A denominação “campus”
Só com UNEMAT chegou
Com a FCESC em Sinop
Outro nome se chamou
O nome original
Era Núcleo Regional
De Ensino Superior.

E nós sem prédio em Sinop
Vivíamos uma doideira
O Bispo pediu as salas
E nós “sem eira nem beira”
Da Mitra então nos mudamos
Com jeitinho nos ajeitamos
Na Rua das Pitangueiras.

Como o sopro desafinado
Vindo de uma velha trompa
Pra Rua das Pitangueiras
Fomos sem nenhuma pompa
Lá ficamos até bem
Era um antigo armazém
A “Casa da Boa Compra”.

Nesse período Ireneu
Ganhou outra eleição
Em seu segundo mandato
Veio com esse bordão
O seu esforço sem tédio
Era “conseguir um prédio
Para a Instituição”.

Em noventa e quatro o Bispo
Outra vez nos socorreu
Nos realocou na Mitra
Mais salas ofereceu
E nós, nunca desanimando
Um lugar sempre buscando
E um dia aconteceu.

Um convênio tripartite
UNEMAT, Prefeitura
E o governo do Estado
Nos tira dessa amargura
Nosso prédio se define
Com o prefeito Antônio Contini
Cessa a nossa procura.

Fomos para uma escola
Da rede municipal
A Lindolfo Trierweiler
O Centro Educacional
E o convênio endossa
Que depois seria nossa
Conforme acordo legal.

Em mil novecentos e
Noventa e seis foi o ano
Que esse convênio deu fim
Ao nosso grande abandono
Ocupamos esse prédio
Acabou o nosso tédio
Deixamos de ser ciganos.

E foi nesse mesmo ano
Com tamanha ousadia
Que adentramos o nortão
Atendendo o que se pedia
Pra Cláudia e Vera³ levamos
E aos alunos ofertamos
O Curso de Pedagogia.

Vestibulares lotados
Pra formação em docência
Todas as vagas preenchidas
A procura era intensa
Mais gente sempre chegando
E o campus se transformando
Em ponto de referência.

³ Dois municípios vizinhos a Sinop.

Como a demanda era grande
Sempre se ouvia os brados
Que além das licenciaturas
Que olhássemos outros lados
A UNEMAT aceitou
E com carinho criou
Cursos de Bacharelados.

A partir de dois mil e um
Outra área é criada
Que é a área de Ciências
Sociais e Aplicadas
Três cursos foram criados
Dentro do solicitado
As respostas foram dadas.

Se ampliam então os cursos
Para além da Educação
Se oferta Economia
Ciências Contábeis, e então
Como a demanda pedia
Também se ofertaria
O Curso de Administração.

Vendo as áreas propulsoras
De inovação no Brasil
Nosso campus em Sinop
Essa tendência seguiu
Da luta não fugiria
E cria as engenharias
A Elétrica e a Civil.

Oito mil metros quadrados
Nós temos de construção
Salas pra laboratórios
Aulas e administração
Temos a Casa Brasil
Que em Sinop expandiu
Bons cursos de extensão.

E quem cuida dessa Casa
Seu esforço não se mede
Uma mulher competente
Providencia o que pede
A Casa é administrada
Por uma pessoa amada
Que é a Roseli Mamede.

Quinhentos metros quadrados
A biblioteca possui
Com quase trinta mil livros
Que a todos nós instrui
La dentro, o mundo eu abraço
Muitas leituras eu faço
A minha pesquisa flui.

Uma conquista recente
E maravilhosa, pois
De um sabor tão gostoso
Igual a feijão com arroz
Prédio bonito e novinho
Recebemos com carinho
O prédio do Campus dois.

Finalizo a narrativa
De uma história de louvores
Repleta de muitas lutas
Desavenças e amores
Eu presto a minha homenagem
A oito homens de coragem
Os nossos coordenadores.

Professor Laudemir Zart
A primeira coordenação
Professor Ilário Straub
Coordenou na transição
Ao retorno do Laudemir
Que volta a assumir
De novo a coordenação.

Ireneu Bruno Jaeger
Dois mandatos coordenou
E Aumeri Carlos Bampi
Dez anos nos governou
E o professor Fiorelo
Com seu jeito muito terno
Quatro anos liderou.

O sexto coordenador
Rodrigo Bruno Zanin
No período de cinco anos
Fez um bom trabalho, e assim
Veio o professor Marion
Que com um trabalho bom
Nos conduziu nesse interim.

Em dois mil e dezenove
Após nova eleição
Marion entrega o cargo
Tendo cumprido a missão
A liderança então muda
Assume Roberto Arruda
A nova coordenação.

Mais uma coisa fantástica
Que não se mede o valor
Que nos enche de orgulho
Que esquentava e dá calor
Nessa última eleição
Como uma coroação
Saiu daqui o reitor.

Rodrigo Bruno Zanin
Numa eleição de fervor
Sai de Sinop pra Cáceres
Pra ser o novo reitor
Nós desejamos então
Que sua administração
Seja feita com louvor.

Termino essa narrativa
Feliz até o pescoço
Pois faço parte daqui
Dessa gigante colosso
Sei que nada lhe abate
Parabéns à UNEMAT
Orgulho de Mato Grosso.

Referências

JAEGER, Ireneu Bruno. **Histórico do campus de Sinop e Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT: dificuldades e conquistas**. 1. ed. Sinop, MT: Ações Literárias, 2018.

NETO, José de Souza (org). **UNEMAT 25 Anos: presente em seu caminho, transformando seu futuro**. Sinop: Mato Grosso, Editora da Unemat, 2015.

STRAUB, Ilário. **Sobre sua gestão como coordenador do Núcleo de Ensino Superior de Sinop**. Entrevista por telefone. 14/07/2018.

ZATTAR, Neuza Benedita da Silva. **Do IESC à UNEMAT: uma história plural 1978 -2008**. Cáceres, MT: Editora UNEMAT, 2008.



2 - DOCENTES DA FAEL⁴ (2014)⁵

Hoje, dezoito de agosto
A convite da FAEL
Nós refletiremos juntos
Sobre a função e o papel
Que tem hoje na escola
A rica literatura
Conhecida por cordel.

Porém antes eu farei
Algo que me veio à mente
Vou agora apresentar
A essa plateia eloquente
A equipe da FAEL
As disciplinas e os nomes
Do nosso corpo docente.

CURSO DE PEDAGOGIA

Coordenando a Pedagogia
Eis uma batalhadora
Uma mulher elegante
Muito fina e sedutora
O nome dela é **Claudete**
Excelente professora.

Filosofia, **Aumeri**
E o professor **Alceu**
Sociologia, o **Ilário**
Um amigo que valeu
Voltando a Filosofia
Já estava me esquecendo
Estava faltando **eu**.

4 Faculdade de Educação e Linguagem.

5 Aula inaugural ministrada por mim em 18/08/2014 sobre Literatura de Cordel e Educação.

Nas belas aulas de LIBRAS
Tem a **Priscila Moraes**
Psicologia é o **Adil**
E está faltando alguém mais
Professora **Maria Angélica**
E a professora **Débora**
São competentes demais.

E na Produção de Textos
Marcos Fábio é o professor
Matemática é a **Anne**
Dizem que é um amor
Jussara, Ivonete e Müller
Trabalhando com Didática
Merecem todo louvor.

Marion, e Peripoli
E o **Almir** de companhia
Os três já são conhecidos
Como o trio da agonia
Pois lidam com o TCC
Que precisa da Pesquisa
E da Metodologia.

História e Geografia
Professor **Edison** tá aí
E Ciências Naturais
É a professora **Lenir**
Educação Física é o **Straub**
Com ele se aprende brincando
Vocês vão se divertir

Educação Especial
Professor **Maicon** é presente
Alfabetização **Ivone**
De Jesus é excelente
Artes, **Rosa Carolina**
A moça é pérola fina
E muitíssimo competente.

Legislação com **Claudete**
Leandra com o Português
Na Educação Infantil
Apresento logo três
Irene e Jaqueline
Com **Maria Albanisa**
Formam o trio da vez.

Fátima Iocca e Rosane
Com Literatura estão
Sandra em Tecnologia
É expert nesse chão
E a **Geise** no estágio
Atua na sexta fase
Com uma complementação.

Ivone Cella no estágio
Com **Antônio Carlos Diniz**
E a professora **Lenita**
É tudo o que você quis
Este é o quadro docente
Desejo que neste Curso
Você se sinta feliz.

CURSO DE LETRAS

Na coordenação de Letras
Professora **Marilda** está
Coordena com simpatia
E nela é fácil encontrar
Competência e sutileza
Age com muita destreza
Pra que nada possa faltar.

Ivonete com Didática
Almir, Metodologia
Straub, Educação Física
Hélio com Filosofia
Professora **Marcelina**
Belezura de menina
Fonética e Fonologia.

A Crítica Literária
Louchabel vai ministrar
Estágio de Língua Inglesa
A **Mônica** vai trabalhar
Iara é uma candura
No Estágio de Literatura
Com certeza vai brilhar.

A **Rosane** e a **Fernanda**
Sapientes com certeza
O estágio que trabalham
É o de Língua Portuguesa
No Estágio de Linguagem
Em uma bela carruagem
A **Marcela** é a princesa.

Na Análise do Discurso
Tânia é sensacional
Estágio Supervisionado
Marcos Fábio é genial
E a **Grasiela Veloso**
Na Aquisição da Linguagem
Como ela não tem igual.

E quando a Linguística é
Aplicada à Língua Inglesa
Esse tema é com a **Leandra**
Que é bela por natureza
Língua Inglesa é com a **Meloca**
Com aulas bem divertidas
Alegria com certeza.

Ariane e Gislaine

É Língua Inglesa também
E na Língua de Sinais
Como a **Priscila** não tem
Para a Linguística Geral
Uma loira fenomenal
A **Neusa Philipsen**.

Henrique Roris, ele é

Um exímio professor
Literatura Contemporânea
Trabalha com muito amor
E na Infanto-Juvenil

Rosana Rodrigues brilha
Sua aula é um esplendor.

O professor **Mantovani**

Ensina com sutileza
A bela Literatura
De nossa Língua Portuguesa
E na Produção de Textos
A professora **Helenice**
Vai gerar pura beleza.

Psicologia é a **Débora**

Sintaxe é com **Marilda**

Sociologia é o **Lúcio**

Professor de bem com a vida

Adriana Precioso

Em tópicos de Semiótica
Por todos é preferida.

Teoria Literária

Com a professora **Luzia**

Uma pessoa dinâmica

Que trabalha com alegria

Os professores felizes

Recebem seus acadêmicos

Com muito amor neste dia.

Não podemos esquecer
De um companheiro fiel
Um jovem estudioso
Pra ele eu tiro o chapéu
O professor **Genivaldo**
O nosso querido amigo
E coordenador da FAEL.

3 - DE CALOURO À FORMATURA⁶

Eu agora nesse instante
Aos calouros vou falar
Em estrofes de seis versos
Pra lhes homenagear
Vou falar com nitidez
O que eu penso de vocês
Que acabam de chegar.

O calouro quando chega
Aqui na Universidade
Vem entrando de mansinho
Sem nenhuma vaidade
Até parece um caipira
Quando chega à cidade.

Se não conhece ninguém
A coisa fica pior
Logo no primeiro dia
Sua cabeça da nó
No meio de tanta gente
O calouro se sente só.

Mas quando conhece alguém
E chega acompanhado
Já chega tagarelando
Embora, desconfiado
Pois este ambiente é novo
Tem que chegar com cuidado.

O calouro entra na sala
É silêncio de hospital
Faz tudo o que o prof manda
E acha sensacional
No intervalo não sai
Pois não ouviu o sinal.

⁶ Recepção aos calouros nos anos de 2017, 2018 e 2019.

Se não conhece o colega
Que está sentado a seu lado
Nem se mexe na cadeira
Pois fica muito acanhado
Só olha pro professor
Que é seu ídolo adorado.

Primeiro dia de aula
Tudo é muito diferente
Tudo que o professor fala
Com a cabeça consente
É lindo ver o calouro
Com esse jeito de inocente.

A caloura vira os olhos
Ouvindo o mestre falar
Calouro arregala o olho
Nem dá tempo de piscar
Como tudo é novidade
Não vê o tempo passar.

E na primeira semana
Ninguém chega atrasado
Professor entra na sala
Tá todo mundo sentado
Quando o mestre abre a boca
Calouro fica encantado.

E se a aula chegar
Até onze horas então?
Calouro fica na sala
Prestando muita atenção
Se o professor não dispensa
Ele vai embora não.

Tudo pro calouro é novo
Até o jeito de estudar
Não é como o ensino médio
Muita diferença há
Mas eu já vi mãe de calouro
Seu boletim vir buscar.

No fim da primeira fase
Calouro já está mudado
E ao entrar na segunda
Não está tão encantado
O professor que se cuide
Pois ele está afiado.

E já na segunda fase
Ex-calouro quer voar
Apresenta alguns sintomas
Que agora eu vou falar
O primeiro é a preguiça
Que começa a encostar.

Diz que está muito difícil
O conteúdo agora
Antes era diferente
E o coitado quase chora
Logo depois do intervalo
Ele já quer ir embora.

Fica olhando no relógio
Mexendo no celular
Acessando o What zap
Com os amigos vai falar
E o professor lá na frente
Fica a se esgoelar.

E o segundo sintoma
O que já é esperado
Calouro chegava cedo
Agora chega atrasado
Tem quem chega às oito horas
Com jeito desconfiado.

E se depois do intervalo
A aula estica um pouquinho
Ex calouro já reclama
Vai saindo de fininho
E quando o professor vê
Está na sala sozinho.

Percebi outro sintoma
Que me chamou atenção
Calouro que era mudo
Agora é reclamação
Para cada conteúdo
Tem uma reclamação.

Antes, na xerocadora
Calouro vivia lá
Xerocava a apostila
E mandava encadernar
Mas já na segunda fase
Ele não quer mais gastar.

Reclama ao professor
Do tamanho da apostila
Diz que ela está muito grossa
Que desse jeito não vira
E reclama ainda mais
Por ter que ficar na fila.

Diz que o preço da apostila
Está caro pra valer
Que trabalha e ganha pouco
E mal dá para viver
Mas depois no bar da frente
Enche a cara de beber.

E não quer mais tirar cópia
Diz que isso não é legal
Tira foto da apostila
Pois agora isso é normal
E baixa no celular
Tudo vira digital.

Chega à terceira fase
Aumenta o seu reclamar
Diz que tem muito trabalho
Não tem tempo de estudar
Pede descaradamente
Pro professor manear.

Fala que vai começar
O projeto de TCC
Não sabe o que pesquisar
E nem que livros vai ler
Que não tem nada na ideia
E acha que nunca vai ter.

Quando encontra um professor
Desabafa e se lamenta
Pois sem orientador
Seu desespero aumenta
Mas é preciso um projeto
Pra encontrar quem orienta.

Ao chegar à quarta fase
Dá dó de ver o coitado
Diz que não tem mais domingo
Dia santo e feriado
E a culpa é do TCC
E do professor desgraçado.

Uma aluna me falou
“Prof. o marido vai me deixar”
Porque ele não quer mais
Que eu venha estudar
Pois chego da UNEMAT
E não aguento namorar.

Então eu disse: namore!
Não deixe ele na mão
Ela disse: de que jeito!
Eu não consigo mais não
Pois quando eu chego em casa
Só penso em educação.

Estava na cama com ele
E quase entrei numa fria
Pois chamei ele de Marx
Na hora da estripulia
Foi difícil explicar
Que estudei esse homem
Na aula de Sociologia.

Ele não acreditou
Queria até me matar
Saí correndo do quarto
Chorando a soluçar
Fui pegar a minha bolsa
Pois o livro estava lá.

Com a minha mão tremendo
O livro eu escancarei
Mostrei a foto de Marx
Aliviada fiquei
Porque ele acreditou
Mas era tarde, eu brochei.

Na quinta fase piora
Pesquisa de TCC
Muitos já estão a campo
Pesquisando pra valer
Com tanta informação
Não sabem o que escrever.

Falta de tempo e cansaço
É a grande reclamação
Tem bolsista do PIBID
Explodindo igual vulcão
Professor pede trabalho
Tá armada a confusão.

Chegando à sexta fase
A banca se aproximando
TCC tá atrasado
Acadêmica chorando
Orientador no pé
E os colegas consolando.

Querida amiga resista!
Já chegaste até aqui
Só faltam mais duas fases
Não adianta desistir
No dia da formatura
De tudo você vai rir.

Ela então enxuga o rosto
Diz que vai continuar
As amigas batem palma
E vão todas lhe abraçar
Mas o tal do TCC
Tá parado a lhe esperar.

Falta referencial
Consistente e organizado
A gramática atropelada
O texto assassinado
Até o orientador
Fica desorientado.

Introdução tá mal feita
Conclusão tá bem pior
Norma da ABNT
Enroscada igual um nó
O negócio é ir pro bar
Encher a cara de goró.

Entre encontros e desencontros
Termina o seu TCC
Mas ainda tem estágio
Não finda o seu padecer
Mesmo na sétima fase
Acadêmico quer morrer.

O estágio é bem puxado
E requer disposição
Pois as práticas pedagógicas
Revelam-se aí então
Tem que fazer relatórios
Pra completar a missão.

Nessa hora, aquela moça
Acho que se separou
Pois agora é que não dá
Pra ela fazer amor
Com TCC e estágio
O seu fogo se apagou.

Enfim a oitava fase
E o final da caminhada
Uma chega se arrastando
A outra 'estrupiada'
Mas com o coração batendo
E com a alma lavada.

Quatro anos de estudos
Não é brincadeira não
Por aqui tem alegria
E também desilusão
E essa fase da vida
Vocês nunca esquecerão.

Minha acolhida aos calouros
O que falei foi brincadeira
Nesses encontros festivos
É ótimo falar besteira
Eu quis fazer vocês rirem
Na (manhã) noite de quarta- feira

Seja bem-vindo calouro
Nesse chão que você pisa
O Ensino é de qualidade
Junto com muita pesquisa
Pra permanecer aqui
E vitorioso sair
De dedicação precisa.

4 - DOUTOR SOU EU QUE ESCREVI UMA TESE DE DOUTORADO

Sei que já é tradição
Nesse Brasil de esplendor
Quando se quer dar valor
E exaltar um cidadão
Começam a chamar-lhe então
De doutor pra todo lado
O sujeito é bajulado
Coisa igual eu nunca vi
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O empresário, fazendeiro
O dirigente, o patrão
Recebem bajulação
De todos, o dia inteiro
O sujeito fica faceiro
E anda todo empinado
Pois de doutor é chamado
E fica cheio de si
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O advogado é doutor
Diz o dito popular
Mas parou de estudar
E não mais continuou
Ele se bacharelou
Para ser advogado
De paletó engomado
Falo, pois não resisti
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O **médico** que cura a gente
Quão bela é a profissão
Da consulta à operação
Dá esperança ao doente
Nessa profissão decente
De doutor é nomeado
Por todos, admirado
Com muitos eu convivi
Mas, doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

Até quem mexe com merda
No **laboratório clínico**
De um jeito muito clínico
Esse título também herda
Como Genival Lacerda
Eu fico desconfiado
Pois doutor estava assinado
No exame que recebi
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O bandido e o ladrão
Tem medo de uma pessoa
Porém não desacorçoa
De andar na contramão
O mundo da contravenção
Tem um caminho entortado
Pois o doutor **delegado**
Muito atento está ali
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O **psicólogo** estuda
Para fazer terapia
Nos livra da agonia
E a nossa vida muda
Mas tem uma coisa absurda
Que me deixa entediado
De doutor ele é chamado
É comum, pois eu já vi
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

Para a saúde bucal
O **dentista** é a solução
Tem até cirurgia
Com trabalho genial
Porém não acho legal
O título a ele dado
Por mais que seja estudado
Doutor nele eu nunca vi
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O **agrônomo** é entendido
De terra e de plantação
Do adubo à irrigação
Pra cuidar é o preferido
Mas é grande o alarido
Pois de doutor é tratado
Fica bem lisonjeado
E de alegria ri
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

Numa farmácia eu entrei
Pra meu remédio comprar
Farmacêutico estava lá
E quando me aproximei
Em seu peito eu notei
Um crachá bem delicado
Escrito doutor Evaldo
Disso eu nunca me esqueci
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado

Até **Nutricionista**
Que estuda o alimento
Neste exato momento
Também está nessa lista
Ele não é vigarista
Mas está equivocado
Sei que estudou um bocado
Coisas que eu nunca vi
Mas doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O **engenheiro** é importante
Tem técnica e inovação
Sua presença é então
De um valor relevante
Eu afirmo nesse instante
Que ele é capacitado
De doutor condecorado
Isso eu não admiti
Pois doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

Em quatro anos eu fiz
A minha graduação
Dois de especialização
Estudar eu sempre quis
Um corre corre infeliz
Mais dois anos de mestrado
E me vem um cabra folgado
Escrito doutor aqui
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

Pra gente se doutorar
A agonia é demais
Pensava! Serei capaz?
Desse estudo eu terminar?
Quatro anos a estudar
Todo o meu tempo ocupado
E vejo um simples graduado
Que com esse título ri
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

Mil oitocentos e vinte e sete
Foi quando isso começou
Foi Dom Pedro que decretou
Pois a ele tudo compete
Então virou um confete
De doutor pra todo lado
Pra médico e advogado
Está no google que eu vi
Mas doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

O jovem rico do Brasil
Que saia pra estudar
E papai a financiar
O filhinho que partiu
Muita saudade sentiu
Porém era compensado
Volta no título montado
Um doutor que eu nunca vi
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

A você que é estudante
De um curso superior
Dedique-se com muito amor
Não desanime um instante
Que seja perseverante
E que faça seu mestrado
Doutore-se com o peito estufado
E diga sempre por aí
Doutor sou eu que escrevi
Uma tese de doutorado.

5 - SEU NOME É ROSANE⁷

Vou falar de uma pessoa
A pedido da FAEL
Pra lhe prestar homenagem
Rabisquei muito papel
Mas, contudo, eu consegui
E com carinho escrevi
Em poesia de cordel.

Descrever uma pessoa
É tarefa complicada
Quando achamos saber muito
Não sabemos quase nada
Mas podemos arriscar
E dessa pessoa falar
Quando por nós é amada.

Rosane Salete Freitag
É o nome dessa pessoa
Mulher forte, inteligente
Sangue bom e gente boa
Digo com veracidade
Que aqui na Universidade
O seu nome sempre ecoa.

De onde veio essa mulher?
Como aqui apareceu?
Fez história na UNEMAT
Dela ninguém se esqueceu
Sem trapanças e sem mutretas
Dentro do Curso de Letras
Essa pessoa cresceu.

⁷ Homenagem da FAEL à Professora Rosane Freytag em julho de 2017 por ocasião de sua aposentadoria.

Mil novecentos e sessenta e cinco
Sabem o que aconteceu?
Não falo da ditadura
Que o Brasil acometeu
Eu falo com muito gosto
Foi em treze de agosto
Que a Rosane nasceu.

E Rosane foi crescendo
Com o tempo engatinhando
Filha de Bruno José
E Senhora Nerpe Lando
Foi em Marechal Rondon
E nesse lugar muito bom
Ela foi desabrochando.

No Grupo Escolar Tiradentes
Fez as séries iniciais
O primeiro e segundo graus
Pra alegria de seus pais
Foi no Colégio Cenecista
Sempre no topo da lista
De estudar não parou mais.

No ano de oitenta e oito
Terminou Pedagogia
Também nesse mesmo ano
Letras iniciaria
Com duas licenciaturas
E sem haver rupturas
Seu estudo prosseguia.

Em sua cidade natal
Muito tempo trabalhou
Assumiu cedo à docência
Muita gente ela ensinou
E digo com nitidez
Que dos concursos que fez
Em todos ela passou.

Há uma data marcante
Que não vou deixar de lado
O ano é dois mil e oito
Um ano muito esperado
Em vinte e nove de setembro
Defendeu, que eu me lembro
Sua tese de doutorado.

Rosane, na UNEMAT
Em noventa e cinco entrou
Mas foi em noventa e oito
Que ela então se fixou
Da data eu sou testemunho
Foi vinte e quatro de junho
Que ela se efetivou.

Exato às dezesseis horas
O termo de posse assinou
Área, Língua Portuguesa
Onde se efetivou
E uma vez nomeada
Rosane segue a estrada
Da docência que amou.

Professora dedicada
E muito estudiosa
Fez da rotina diária
Uma caminhada honrosa
E com a sua maneira
Construiu sua carreira
De forma bem gloriosa.

Aqui fez muita pesquisa
Muito ensino e extensão
Entregou-se à docência
Com muita dedicação
Seu trabalho era voltado
Com carinho e com cuidado
Pra nossa graduação.

Porém chegou o período
De Rosane se aposentar
Ela reuniu amigos
Pra na Previdência ligar
Pegamos os celulares
Todos em nossos lugares
Começamos a disar.

Com professor Fiorelo
Chimarrão fomos tomar
Mas com nossos celulares
Na Previdência a ligar
Ligava e não atendia
Mas sua aposentadoria
Era preciso agendar.

Rosane apavorada
Não parava de falar
Meu Deus! Será que eu não vou
Conseguir me aposentar?
Estava desesperada
Igual noiva apaixonada
No dia que vai casar.

Se passaram alguns dias
Uma ligação recebi
Era Rosane contente
Como antes, nunca vi
Quando eu falei alô?
Rapidamente gritou:
Oi Josi... eu consegui!

Em dois mil e dezessete
Recebeu com alegria
O Diário Oficial
Logo então publicaria
No dia onze de abril
Uma notícia saiu
Sua aposentadoria.

Agora está tranquila
Vive sem preocupação
Sem projeto de pesquisa
Sem projeto de extensão
Está só curtindo a rede
E tomando sua erva verde
Seu gostoso chimarrão.

Não vem a noite pras aulas
Não tem orientação
Já se livrou do SAGU⁸
Também de reunião
Agora é só paraíso
Sem esquentar o juízo
Só vivendo a emoção.

Sua vida, minha amiga
Está azul como o céu
Então viva e viva muito
Curta essa fase de mel
Faça uma bela viagem
Pra você a homenagem
Dos amigos da FAEL.

⁸ Sistema Aberto de Gestão Unificada.



6 - MITO DE PROMETEU E PANDORA⁹

Quatorze anos de arte
De cultura e alegria
Reflexões acadêmicas
Mistura de harmonia
Aqui nesta Instituição
Já tem uma tradição
Que é o Varal de Poesia.

O tema, mito e poesia
Das formas primordiais
À Contemporaneidade
Nos leva a séculos atrás
E nos tempos hodiernos
Vemos os mitos modernos
Com os dos nossos ancestrais.

MITO

Ah! O mito, o que é o mito?
Como o vamos definir?
É um conceito muito rico
Outro igual está por vir
Todo mito é vulnerável
Porém é indispensável
Para o nosso existir.

O Mito não apresenta
Só uma conotação
Ele é rico, muito amplo
Além da simples visão
Mente curta não o suporta
Pois o mito não se esgota
Em única interpretação.

⁹ Apresentado no 14º Varal de Poesia. Mito e Poesia: das Formas Primordiais à Contemporaneidade 22/06/2018. UNEMAT Campus de Sinop.

O Mito é vivo, expressivo
De um poder efervescente
É estrutura dominante
Que toma a vida da gente
O mito está sempre ligado
Sempre relacionado
A um específico ambiente.

Mito é compreensão
De uma realidade
Ele se caracteriza
Pela espontaneidade
O conhecimento brilha
O mito não é mentira
Representa uma verdade.

Mas a verdade do mito
É uma verdade intuída
Não tem coerência lógica
Nem comprovação exigida
Em meio à desavença
Sua base é a crença
Assim se constrói a vida.

O mito é fantasioso
Pouco lógico, explicativo
Por mais que vise a verdade
Nada é definitivo
Surge de necessidade
O mito é na verdade
O fruto de um coletivo.

E as raízes do mito?
Onde vamos encontrá-las?
Não precisamos ir longe
No intuito de procurá-las
Elas estão embutidas
Nas realidades vividas
É lá que vamos achá-las.

Porém, a função do mito
Além de ao mundo explicar
É tranquilizar o homem
Nesse mundo que ele está
Sendo desconhecedor
De um mundo assustador
É melhor se acomodar.

Já nos primeiros modelos
Da construção do real
A natureza do mito
Era sobrenatural
Na relação com o divino
O sagrado vem surgindo
Para além do natural.

Então vou contar um mito
Só para vocês agora
Esse é um mito grego
Que embeleza nossa história
Começo com Prometeu
E depois disserto eu
Sobre a Caixa de Pandora.

MITO DE PROMETEU

Em tempos muito longínquos
Mulheres, não existiam
No mundo só havia homens
E eles nunca envelheciam
Nunca ficavam cansados
Nem nunca desesperados
E também nunca sofriam.

Quando chegava o momento
De cada homem morrer
A morte vinha tranquila
Sem tortura, sem sofrer
Com um sorriso loquaz
O homem morria em paz
Era como adormecer.

Havia um belo Titã
Por nome de Prometeu
Filho de Jápeto e de Ásia
E irmão de Epimeteu
Algo o Titã vai fazer
Que vai lhe comprometer
E desperta a fúria de Zeus.

Prometeu, da humanidade
Era um grande protetor
Certa vez numa partilha
De carne, ele aprontou
E sem pensar duas vezes
Deixou os ossos pros deuses
E a carne pros homens levou.

Zeus, então, rapidamente
A Prometeu castigou
A vingança foi punir
Os homens que ele ajudou
Pra afetar Prometeu
Zeus se enfureceu
E o fogo da Terra tirou.

Prometeu não conformado
Um plano arquitetou
Pra devolver o fogo aos homens
Com cuidado planejou
Dos deuses roubou o fogo
Sem lamento e sem rogo
E aos homens entregou.

Mas Prometeu foi punido
Com uma vingança estranha
Prometeu foi amarrado
No alto de uma montanha
E, uma Águia todo dia
Uma visita lhe fazia
Pra devorar sua entranha.

O fígado de Prometeu
A Águia então devorava
Mas o Titã imortal
Logo se recuperava
O fígado comido de dia
Naquela estranha agonia
A noite se restaurava

MITO DE PANDORA

Mas Zeus, não se contentando
Aos humanos quis punir
E criou uma mulher
Com o poder de seduzir
Deu-lhe o nome de Pandora
E sua missão agora
Era ao homem destruir.

Zeus, então moldou Pandora
Com a beleza de Afrodite
De cada deus, deu-lhe um dom
Então, leitor, acredite!
Mulher bela e poderosa
Se sente toda orgulhosa
E destrói igual dinamite.

Ela recebeu bondade
Beleza, sabedoria
Muita generosidade
Paz, saúde e alegria
Então, que mal para o mundo
Um ser tão belo e profundo
Nesse momento faria?

Pandora foi para a Terra
Se casou com Epimeteu
Foi o presente que ele
Do grande Zeus recebeu
Porém, ele ignorou
A promessa que jurou
A seu irmão Prometeu.

Prometeu experiente
Disse um dia a seu irmão
Que ele jamais aceitasse
De nenhum deus, doação
Pois, essa doação, traria
Aos humanos, agonia
E uma grande maldição.

Epimeteu fascinado
Com a beleza de Pandora
Aceitou logo o presente
Não pensou muito na hora
Já quis se casar com ela
E caiu numa esparrela
Que eu vou contar agora.

Pandora então se casou
Num clima de encantamento
Zeus deu a ela uma caixa
Presente de casamento
Mas disse a ela: “não abra
Senão o mundo se acaba
Em tristeza e sofrimento”.

Pandora que foi criada
Para curiosa ser
Não resistiu ao pedido
Que Zeus veio lhe fazer
Abriu a caixa e olhou
E logo se apavorou
Com o que acabou de ver.

Pra fora da caixa então
Uma tragédia se lança
Doença, ódio e dor
Inveja, fome e ganância
Guerra, morte e pobreza
Amargura e tristeza
Só ficou a esperança.

Pandora desesperada
A caixa logo fechou
Mas era tarde demais
Pelo mundo se alastrou
Toda aquela desgraça
Vendo a tamanha besteira
Que fez, Pandora, escutou.

De lá de dentro da caixa
Uma voz Pandora ouviu
Pedindo que fosse solta
Mas Pandora resistiu
Mas com o aval de Epimeteu
A quem ela recorreu
A caixa de novo abriu.

Eis que voou dessa caixa
Pra salvar toda a lambança
Uma essência que fortalece
Tão pura como criança
Nos salvando da agonia
Nos devolvendo a alegria
Eu falo, da ESPERANÇA.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. ver. atual. São Paulo: Moderna, 1996.

A caixa de Pandora



Criação: Glauceia Juliana da Silva Queiroz (Curso. ADM)

7 - O TRABALHO NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA¹⁰

São várias as dimensões
No Homem, a situar
Homo sapiens, homo volens
Homo ludens (que é jogar)
Homo loquens, religiosus
E Homo faber (o trabalhar).

O Homem, é, pois, artífex
De formas, é criador
Dentre as suas dimensões
De obras é fazedor
Sua natureza o define
Como um operador.

O trabalho e a Técnica
No Homem, evoluiu
E o tornou diferente
Das espécies que existiu
E se tornou realidade
Quando o fogo descobriu.

A descoberta do fogo
Uma conquista seria
Pois o Homem se destaca
De outros seres que havia
Pois passa a utilizar
O fogo como energia.

Com a descoberta do fogo
Um fenômeno genial
Todo o trabalho humano
Que antes era “manual”
Passou à esfera elevada
De trabalho “artesanal”.

10 Tema trabalhado nas aulas de Filosofia na 1ª fase do Curso de Administração.

Da Natureza, o Homem
Era mero coletor
Com a descoberta do fogo
Muito adiante Ele saltou
Não só apenas colhia
Passou a ser produtor.

Ele passa a produzir
Pra suprir necessidade
Pra sua sobrevivência
E somente muito mais tarde
Para manter seu conforto
E a sua comodidade.

Na história do trabalho
Há dois períodos sem igual
O trabalho com utensílio
É o trabalho artesanal
E utilizando a máquina
O trabalho industrial.

Mudanças vão ocorrendo
Na esfera do labor
Com novas técnicas surgindo
O trabalho agrega valor
São mudanças decisivas
No trabalho e trabalhador

Mudanças quantitativas
No quesito produção
Vapor, eletricidade
Petróleo, energia, então
O trabalho propicia
Ao Homem, a evolução.

Entre o Homem e a Natureza
Se estreita a relação
Pela força do trabalho
Vem a socialização
A cidade e o campo
Crescem em grande progressão

Trabalho é planejamento
Com racionalização
Onde está o trabalho
Há muita concentração
De pessoas, e isso gera
Uma urbanização.

O Homem, ao trabalhar
Forma a sua consciência
Pois não trabalha sozinho
Essa não é sua essência
E ao atender as demandas
Do Outro, toma ciência.

O trabalho é atividade
De cunho material
Mas com uma dimensão
De cunho espiritual
Toda operosidade
Tem reflexo social.

Porém, além de trazer
Riqueza e organização
O trabalho traz ao Homem
Também a degradação
Quando a sua consciência
Só visa a exploração.

Se a consciência do Homem
Faz um recorte abissal
Entre o trabalho subjetivo
E seu alcance universal
Nessa dimensão moderna
O trabalho provoca o mal.

O filósofo Hegel, é quem
Faz essa observação
Do trabalho, questiona
Sua moderna divisão
Que a uns dá o domínio
E a outros, submissão.

A visão do trabalho em Hegel
Provoca abalo geral
Pois na concepção burguesa
O lucro é fundamental
Com a propriedade privada
E a divisão social.

Para Hegel, o trabalho
Não é só satisfação
Das próprias necessidades
Mas é também a expressão
De um valor muito maior
No Homem, a humanização.

Hegel vem questionar
Essa histórica relação
Entre Homem e Natureza
Com base na exploração
O trabalho visto apenas
Como uma apropriação.

Pelo trabalho, o Homem
É visto como Senhor
Natureza é sua escrava
Ele, seu dominador
O trabalho não humaniza
Natureza e trabalhador.

Essa visão de trabalho
Tendo o Homem como Senhor
Hegel a coloca em xeque
Com veemência e rigor
E inverte essa lógica
Apontando outro valor.

Hegel apresenta o trabalho
Como uma essencial
Relação indissolúvel
De caráter universal
Uma atividade física
Criadora e social.

Agir sobre a natureza
É a força que o trabalho tem
Na ação de transformá-la
Diz Marx como ninguém
Que o trabalho transforma
O próprio Homem também.

E Marx vai mais além
Em sua reflexão
Todo o trabalho que é feito
Pro Homem, não é em vão
Pra existência do Homem
O trabalho é a condição.

Pelo trabalho, o Homem dá
Um salto existencial
Ultrapassa os outros seres
De um modo sem igual
Passa de um ser biológico
Para um ser social.

Porém, as contradições
Surgem a todo vapor
Por um sistema histórico
Que a burguesia criou
Esse sistema, diz Marx
Explora o trabalhador.

De instrumento de liberdade
E de socialização
O trabalho passa a ser
Uma desfiguração
Pois imprime no operário
A desumanização.

O trabalho dessa forma
Aliena de verdade
O operário é coagido
Com muita brutalidade
Vende ao patrão sua vida
E a sua humanidade.

No sistema do capital
As humanidades somem
O trabalho que exaltava
Agora a todos consomem
O Homem vira mercado
E o mercado vira Homem.

O que importa é a “mais valia
Que é o lucro excedente
Que está com a burguesia
A deixando bem contente
Enquanto o trabalhador
Leva uma vida demente.

Sua força de trabalho
É obrigado a vender
É mercadoria humana
Que está a sobreviver
O trabalho é sobrecarga
Que aumenta seu padecer

Exploração e desemprego
Sobre o trabalhador
A degradação do trabalho
Seja de que forma for
São estruturas basilares
De um sistema arrasador.

As relações de trabalho
Em termos contratuais
Onde aparentemente
Todos são livres e iguais
Favorecem ao empregador
Ao empregado jamais.

Na empresa e na indústria
Se exige competência
Mas o trabalhador recebe
Um salário de indigência
Para manter seu patrão
Acima da concorrência.

Entre salário e capital
É grande a contradição
Pois quanto mais se produz
Fortalecendo o patrão
O trabalhador se enfraquece
Em sua mesa falta o pão.

A miséria se propaga
Em meio a abundância
O acúmulo de capital
Acima de toda instância
A fartura gera a miséria
Tendo por base a ganância.

Milhões de despossuídos
Boias frias no Brasil
De mão de obra baixíssima
Com um salário muito vil
Engrossam o mapa da fome
Dessa pátria varonil.

O avanço tecnológico
Globaliza a produção
E a riqueza é concentrada
Somente em poucas mãos
Ao trabalhador só resta
A intensa exploração.

No fordismo e taylorismo
O corpo era mecanizado
Era de casa prá fábrica
Tudo bem disciplinado
Vida social não havia
Pro trabalho era formado

Este atual modelo
Quer mecanizar a mente
Atinge o imaginário
E também o inconsciente
E torna o trabalhador
Disperso socialmente.

Sumiu o operário “massa”
O trabalho é pulverizado
O operário é “avulso”
Fácil de ser dominado
O trabalho é pontual
E individualizado.

Pequenas e microempresas
Por células de produção
Se estabelecem nos lares
Modificam a relação
O espaço da família
Virou negociação.

A casa virou empresa
Cônjuge virou empresário
Sala, fábrica de negócios
O lucro é o itinerário
O capital tomou conta
Do nosso imaginário.

REFERÊNCIAS

MONDIN, Batista. **O Homem, quem é Ele?** Elementos de antropologia filosófica. 3.ed. trad. R Leal Ferreira. Edições Paulinas, 1980. (Coleção Filosofia 1)

SEMERARO, Giovanni. **A Concepção de “Trabalho” na Filosofia de Hegel e de Marx.** Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 27 n° 53, p. 87 – 104, jan/jun. 2013.

8 - PALAVRAS BEM DITAS¹¹

Eu vou falar de palavras
De um jeito divertido
Palavras que nos envolvem
E que a todos faz sentido
Palavras que aproximam
Nos fortalecem e animam
E nos deixam sempre unidos.

Pra mim a palavra chave
É a **participação**
Que inclui **solidariedade**
Que gera a **cooperação**
Isso exclui uma visão cética
E dá lugar a uma ética
Que promove a **união**.

A **beleza** disso tudo
Eu quero salientar
Com a **conversa** e o **diálogo**
Nós vamos **compartilhar**
Toda a **diversidade**
E criar **oportunidade**
Pra **educação popular**.

Esse nosso **compromisso**
Dele, não fuja não!
Vamos com **sabedoria**
Forjar a **conscientização**
Com a **criatividade**
Seja no campo ou cidade
Promover a **inclusão**.

11 Palavras escritas no quadro pelos participantes do Seminário sobre Metodologias Participativas 30/08/2018. UNEMAT/ Cáceres. Juntei as palavras soltas para se transformarem em palavras bem ditas.

Para isso é preciso
Muita **sensibilidade**
Uma postura pautada
Pela **afetividade**
Ao outro valorizando
E também sempre firmando
A sua **identidade**.

É disso que precisamos
Sempre e a todo momento
Uma ação verdadeira
Que não seja fingimento
Que promova todo dia
No outro a **autonomia**
E muito **conhecimento**.

Que cada palavra dessa
Não seja simples miragem
Que prá nós faça sentido
Não se torne uma bobagem
Que elas possam mudar
Nosso modo de atuar
No **ensino-aprendizagem**.

9 - FLORES DA PEDAGOGIA¹²

Fazer versos de Cordel
Sempre é um prazer pra mim
Falar da segunda fase
É uma alegria sem fim
Essa turma são as flores
E a sala um jardim

Para falar dessa turma
Falo com muita alegria
Pois lá estão trinta flores
Florescendo na harmonia
Num jardim bem colorido
Que é a Pedagogia

Aline é uma Rosa
Bruna é uma Margarida
Gustavo é um belo Antúrio
Desabrochando pra vida
Daniele é uma Hortência
Ornando o jardim da vida

Cálita é uma linda Dália
Anaise é um Jasmin
A **Karyne** é a Begônia
Que enfeita esse jardim
Cada flor da segunda fase
É sinfonia sem fim.

Lilian é flor de Laranjeira
Camila é a Primavera
Roberta é a Catléia
Que é uma flor muito bela
Beijinho é a **Edyene**
Não há outra igual a ela.

12 Homenagem às acadêmicas e acadêmico da 2ª fase do Curso de Pedagogia 2019/2.

Maria Zilda Antunes

A Verbena, ela é
Copo de Leite é **Thais**
E tem uma flor mulher
Que é a **Karol Soares**
A querida Bem-me-quer.

A Orquídea é a **Claudia**
Cleuciane é a Violeta
Saara é a Samambaia
Cada flor desta é bem feita
No jardim da segunda fase
A natureza é perfeita

A **Leydiane** é Lótus
Eulalia flor de Ipê
Érica é a **Natalia**
E nesse jardim dá pra ver
Fernanda, bela Bromélia
Faz o jardim florescer.

Gardênia é a **Nayelle**
Açucena é a **Raquel**
Vanessa é Ipoméia
Com a doçura do mel
Lucimeire é Sálvia Azul
Que é a cor do nosso céu

Karoline é a Lantana
Que existe pra encantar
A **Pamela** é Anís
Que faz o jardim brilhar
Jhenece, uma flor suave
A flor de Maracujá

Márcia é Amor Perfeito

Que encanta o nosso olhar
E nesse belo jardim

A **Patrícia**, qual flor será?

É a bela onze horas

Que vive a desabrochar

Mas aqui tem jardineiro

Que rega com muito amor

Cuida de cada florzinha

Com alegria e com ardor

E nesse belo jardim

Jardineiro é o professor.



10 - UM POETA NÃO MORRE: HOMENAGEM AO PROFESSOR E POETA SANTIAGO VILLELA MARQUES¹³

Por entre versos e prosas
O décimo quinto varal
De poesia, retrata
Um poeta genial
Santiago Villela Marques
Um ser de muitos destaques
Poeta, intelectual.

Paulo Sergio foi o nome
Que no batismo lhe foi dado
Porém, o poeta Paulo
Como ser iluminado
De pensamento eclético
Se atribui nome poético
E de Santiago é chamado.

Na capital de São Paulo
Foi a onde ele nasceu
Mas foi aqui em Sinop
O lugar em que viveu
Pois o seu pai com afinco
No ano de setenta e cinco
Aqui se estabeleceu.

Em mil novecentos e
Sessenta e sete foi o ano
Que nasceu nosso poeta
Um menino paulistano
Que nasceu para brilhar
E em Sinop vem morar
Com apenas oito anos.

¹³ Inspiração em 29/05/2019 declamado em 30/05/2019 no XV VARAL DE POESIA - Entre Versos e Prosas: a obra de Santiago Villela Marques, UNEMAT/Sinop.

Santiago, em uma entrevista
À Revista Biografia
Diz que, ao chegar em Sinop
Luz elétrica não havia
E por não ter televisão
Sempre com satisfação
Muitos livros ele lia.

Um “vidiota”, diz ele
“Tinha tudo pra me tornar
Pois em São Paulo, era a TV
Que vivia a me educar”
Em Mato Grosso, então
Encontra a libertação
Da perniciosa babá.

Sua paixão pelos livros
Se inicia nesse instante
E ele diz que a TV
É lazer alienante
A leitura nos liberta
É o conselho de um poeta
Com seu dizer elegante.

Disse ainda, à revista
Algo que chama a atenção
“Quando um aluno me pergunta
Que fazer pra ler então?
Minha resposta é pra já
Digo sem pestanejar
Desligue a televisão”.

Na Faculdade Cáspero Líbero
Em Jornalismo se formou
Em Teoria da Comunicação
Ele se especializou
E para ampliar sua arte
Foi aqui na UNEMAT
Que Letras ele cursou.

Foi em Estudos Literários
Seu mestrado e doutorado
E pra arte da poesia
Estava sempre inspirado
E no lugar onde estava
Quando ele declamava
Era sempre admirado.

Em nosso Curso de Letras
Santiago lecionou
E no mestrado em Letras, foi
Docente colaborador
Um professor de quilate
Que aqui na UNEMAT
A sua marca deixou.

Seus livros de poesia
Por todos apreciados
E muitos de seus escritos
Também foram premiados
Obras lindas sem iguais
Com prêmios nacionais
Seu talento é coroado.

Publica em dois mil e quatro
A sua obra **Primeiro**
Outro em dois mil e oito
Três Tigres Trêfegos é o terceiro
Em dois mil e dez publicado
Este, publica ao lado
De outros dois companheiros.

Selvagem, em dois mil e treze
Linda obra de poesia
Também os livros de conto
Que publica em coautoria
Correspondências, Ângulo-bi
E **Sósias**, que eu também li
Com bastante alegria

Suas obras premiadas
O Bom Dragão, conto infantil
Centauros e Aujé,
Presidente do Brasil
Os contos **Asas e Palavras**
Cada um com um prêmio ficava
Com orgulho e muito brio.

As obras **Escola da Vida**
Poesia gloriosa
Juntamente com **Infante**
Uma obra vitoriosa
E a Hora de Dormir
De Santiago, estavam ali
Recebendo Menção Honrosa.

Mais três obras premiadas
Desse poeta genial
Os Apanhadores de Sonhos
Trabalho sensacional
E Quem Vê TV Não Viu
Uma mensagem sutil
E Serenata no Sinal.

Há um belo poema seu
Que não me sai da lembrança
Que está na obra **Primeiro**
E questionamento nos lança
De um conteúdo fecundo
Poema muito profundo
Perguntas Quase Sem Importância.

Porém, na tarde de um sábado
De novembro, dia três
Ano, dois mil e dezoito
Sábado cinzento se fez
Notícia triste chegou
Que seu coração parou
Nos deixando de uma vez.

A tristeza tomou conta
De amigos, professores
De seus queridos alunos
E seus admiradores
Um belo poeta partiu
Porém, enquanto existiu
Só poetizou amores.

Mas um poeta não morre
Um poeta não tem fim
Transforma-se em beija-flor
Vai beijar outro jardim
Santiago está no ar
Ele vive, ao habitar
Dentro de você e em mim.



11 - O QUE É LITERATURA DE CORDEL

Pelo século Dezesseis
Época do renascimento
Surge um gênero literário
Próprio ao divertimento
Veio em folheto impresso
Era a arte do momento.

Em Portugal, os folhetos
Feitos em rústico papel
Estavam, sempre a venda
Ao relento, à luz do céu
E ficavam pendurados
Em barbante ou cordel.

Por onde passava gente
O cordel estava lá
Nas ruas, em frentes às lojas
No mercado popular
Narrando a vida diária
Era fácil de encontrar.

Duzentos anos depois
Chega ao Brasil o cordel
Expandiu-se no Nordeste
Os folhetos de papel
Pois encontrou terra fértil
No nordestino fiel.

Os portugueses trouxeram
De muito longe, do além-mar
Essa arte do cordel
Que é a arte de rimar
E no Brasil se transformou
Em cultura popular.

Pendurados em cordel
Cada um com um prendedor
Em malas, ou sobre lonas
Não importa onde for
Os folhetos são vendidos
Por um baixíssimo valor.

Os folhetos são vendidos
Pelos seus próprios autores
Que recitam em alta voz
Suas vidas, suas dores
Ou tocando na viola
Suas mágoas, seus amores.

Seca, política, cangaço
Milagres, encantamento
Heroísmo, traição
Disputa, briga e lamento
Datas, personalidades
Ou qualquer tema do momento.

Tudo o que o poeta pensa
Sente, ou o que vai fazer
Ele expressa em seus versos
Para o povo conhecer
Ele transforma em rima
Sua arte de viver.

O humor é um componente
Dessa bela literatura
Nela a vida transparece
De uma maneira pura
Sai do íntimo do poeta
Que expressa a sua cultura.

A arte da xilogravura
No cordel está presente
Ilustrando a poesia
Tornando-a mais atraente
Fazendo a obra bonita
Com um visual diferente.

É talhada na madeira
A gravura, que beleza
Depois vai para o papel
Bela arte, com certeza
A xilogravura veio
Lá da cultura chinesa.

Foi também os portugueses
Que a trouxeram ao Brasil
E ensinaram aos índios
E depois se expandiu
E da cultura do povo
Ela nunca mais saiu.

Os autores de cordel
Cordelistas são chamados
Porém quando cantam os versos
De viola, acompanhados
São chamados repentistas,
Pois é chamado “repente”
Quando os versos são cantados.

Estrofe de quatro versos
Quadra, ela é chamada
No início, era forte
Hoje não é mais usada
Está em outros estilos
Do cordel foi dispensada.

Três exemplos de quadra

Professores da UNEMAT¹⁴
Muito bem qualificados
E deixam seus acadêmicos
Pro mercado, preparados.

¹⁴ Nesta quadra os versos 02 e 04 rimam entre si. Os versos 01 e 03 são versos brancos, não rimam e apenas dão sustentação à construção do assunto ou oração.

A nossa Universidade¹⁵
É um espaço de fomento
Pois aqui a todo o momento
Transita a diversidade.

Aqui fazemos pesquisa¹⁶
O ensino e a extensão
E pra tudo isso, precisa
Amor e dedicação.

A sextilha é de seis versos
Essa é a mais conhecida
Usada nas cantorias
Por todos muito aplaudida
O exemplo é essa estrofe
Que não será esquecida.

Septilha é de sete versos
Setena, de sete em sete
E não é fácil fazê-la
Só pra alguns, isso compete
Quem não domina a rima
Logo, logo desanima
E com ela não se mete.

A estrofe de oitava
Recitada com emoção
Também ao som da viola
Não é pra qualquer um não
Sempre tem que terminar
Nos oito pés a quadrão.

15 Nesta quadra os versos 01 e 04 rimam entre si e o mesmo acontece com os versos 02 e 03.

16 Nesta quadra os versos 01 e 03 rimam entre si e também rimam entre si os versos 02 e 04.

Exemplo de oitava

Os meninos da UNEMAT
Acadêmicos, show de bola
E na prova ninguém cola
Todos têm educação
E sentem no coração
O prazer de estudar
Parabéns eu vou lhes dar
Nos oito pés a quadrão.

As meninas, que beleza
Todas lindas com certeza
Cada uma é uma princesa
Que arrebatava coração
Estudam com devoção
E delas ninguém reclama
O sucesso por elas chama
Nos oito pés a quadrão.

Tem estrofe de dez versos,
Décima ela é chamada,
Mas só se usa nos motes,
Quando a peleja é pesada,
Em disputa com dez versos,
A briga é avantajada.

Exemplo de décima

MOTE: No fim do ano você me paga a raiva que durante o ano
todo cometeu.

Vou te dizer agora caro aluno
E não se finja de desavisado
E comigo não fique magoado
Pois se me ouvir, não vai correr perigo
Se prepare do pé, ao umbigo
E lembre o dia em que você nasceu
Pois depois o culpado não sou eu
Por ter que te mandar à fava
No fim do ano, você me paga a raiva
Que durante o ano todo cometeu.

Vou te dar nota baixa numa prova
Pois comigo você não estudou
Durante todo o semestre bagunçou
E vivia nos amigos dando sova
Dizia a todos que nunca reprova
E professor nenhum te mereceu
Professora Isabela entristeceu
Com sua boca suja que não lava
No fim do ano você me paga a raiva
Que durante o ano todo cometeu.

Tem martelo agalopado
Gabinete e galope à beira do mar
São estrofes com dez versos
Complicado de rimar
Só com muita inspiração
Estudo e dedicação
É possível encarar.

Enfim, o cordel é belo
É uma arte popular,
Com ele se vai ao céu.
Também ao fundo do mar.
Na arte da poesia.
Seja noite ou seja dia.
Sempre é hora de rimar.

Josivaldo Constantino dos Santos

UNEMAT 40 ANOS E OUTRAS HISTÓRIAS ACADÊMICAS em Literatura de Cordel

SOBRE O AUTOR



Josivaldo Constantino dos Santos é graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande/MS. Especialista em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(PUC/MG), Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop/MT nos Cursos de Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Letras e Bacharelado em Administração. Entre outras atividades ligadas à Pesquisa e à Extensão, é poeta de cordel e realiza oficinas de Literatura de Cordel nas escolas com o tema: A Literatura de Cordel com Procedimento Metodológico em Sala de Aula.

Contato: josicultura@unemat.br